

**LEITURA, ANÁLISE LINGUÍSTICA E PRODUÇÃO DE TEXTO: A BUSCA PELA
(RE) ESCRITA AUTORAL**

**READING, LANGUAGE ANALYSIS AND TEXT PRODUCTION: SEARCHING FOR
AUTHORAL (RE) WRITING**

Recebido em: 20/06/2018
Aprovado em: 01/08/2018
Publicado em: 09/09/2018

Héllen Cristina Silva de Aguiar Inácio¹

RESUMO

Visando a mudança de paradigmas na concepção do ensino tradicional, e optando por um ensino dialógico, analista e reflexivo da Língua Portuguesa, este trabalho objetiva apresentar a análise de uma atividade, que se inicia com leitura e interpretação, percorre o caminho da análise linguística, e resulta na (re)escrita textual com indícios de autoria. A abordagem deste tema mostra-se relevante, pois norteia a prática pedagógica cuidadosa de leitura, interpretação, produção de textos e sentidos, e a análise destes. Esta pesquisa, optou-se por tratar a linguagem como meio de interação social, em um processo dialógico entre aluno, texto e professor; e para isso, assumimos as reflexões propostas por Geraldi (2013) e Mendonça (2013), que analisam os aspectos linguísticos, metalinguísticos, e, sobretudo, os epilinguísticos presentes em um discurso; além de nos ancorarmos também nos estudos de Possenti (2002), ao tratarmos de autoria e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do 3º e 4º ciclos (1998). Para desenvolver este trabalho, foram realizadas atividades organizadas de leitura, escrita, desenho e exibição de filme. Dessa forma, os textos produzidos, apontam que o trabalho eficaz com a leitura interpretativa, a análise linguística e a (re) escrita é capaz de desenvolver a competência linguística e discursiva dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; análise linguística; (re)escrita textual; contos de fadas.

ABSTRACT:

Aiming at changing paradigms in the conception of traditional teaching, and opting for a dialogical, analytical and reflexive teaching of the Portuguese Language, this work aims to present the analysis of an activity, which begins with reading and interpretation, runs the path of analysis linguistic, and results in (re) textual writing with indications of authorship. The approach of this topic is relevant, as it guides the careful pedagogical practice of reading, interpretation, production of texts and meanings, and the analysis of these. This research, we chose to treat language as a means of social interaction, in a dialogical process between student, text and teacher; and for this, we assume the reflections proposed by Geraldi (2013) and Mendonça (2013), who analyze the linguistic, metalinguistic, and, above all, the epilingual aspects present in a discourse; in addition to anchoring ourselves in the studies of Possenti (2002), when dealing with authorship and in the National Curricular Parameters of the 3rd and 4th cycles (1998). In order to develop this work, organized activities of reading, writing, drawing and film screening were carried out. Thus, the texts produced show that effective work with interpretive reading, linguistic analysis and (re) writing is capable of developing students' linguistic and discursive competence.

¹ Licenciada em Letras - Português e Inglês e em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional; e Educação Inclusiva. Mestranda do mestrado profissional em Letras pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Atualmente é professora efetiva de Língua Portuguesa no município de Guará - SP. E-mail: helleninacio1@gmail.com.

KEYWORDS: Reading; linguistic analysis; (re) textual writing; fairy tale.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada durante o curso de mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS), na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e procurou demonstrar como o ensino de língua, pautado na concepção da análise linguística, pode trazer contribuições positivas para a formação linguística dos alunos.

Este trabalho surgiu da necessidade de nortear a prática pedagógica cuidadosa de leitura, interpretação, produção de textos autorais, e a análise destes. Infelizmente, temos visto, atualmente, que muitas práticas e metodologias utilizadas no ensino de Língua Portuguesa pouco têm contribuído para a ampliação da leitura e da escrita dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental II; aqui, em especial, os de uma Escola Municipal de Ensino Básico do município de Guará – SP.

Essa inquietação nos levou a pensar em uma atividade significativa que, pautada em uma concepção interacionista da linguagem, em um processo dialógico entre aluno, texto e professor, pudesse apresentar a análise de uma atividade, que se iniciasse com leitura e interpretação, percorresse o caminho da análise linguística, e resultasse na (re)escrita textual com indícios de autoria, desenvolvendo assim a competência linguística e discursiva do aluno. Para demonstrar esse trabalho, apresentamos duas produções textuais dos alunos, as quais foram submetidas aos procedimentos da análise linguística e intervenção interativa (bilhetes de correção).

Sob esse enfoque, recorreremos e assumimos as reflexões propostas por Geraldi (2013) e Mendonça (2013), que analisam os aspectos linguísticos, metalinguísticos, e, sobretudo, os epilinguísticos presentes em uma situação discursiva; além de nos ancorarmos também nos estudos de Possenti (2002),⁶⁴ ao tratarmos de autoria e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do 3º e 4º ciclos (1998).

Dessa forma, procuramos demonstrar que o trabalho a leitura, análise linguística e reescrita permitem o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que coloca o aluno e o professor como interlocutores ativos e,

consequentemente, deste processo resulta uma aprendizagem da escrita que aponta para a constituição de autoria.

LEITURA, ANÁLISE LINGUÍSTICA E (RE)ESCRITA AUTORAL: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), o ensino de língua tem por objetivo formar alunos proficientes em leitura e escrita, além de prepará-los para o exercício eficaz da cidadania.

Porém, para que esses objetivos sejam atingidos, é necessária à superação de muitos obstáculos, começando pela abordagem tradicional do conceito de língua nas escolas. As dissonâncias significativas entre a concepção de Língua, adotada pelos professores de Língua Portuguesa, e a concepção de Ensino de Língua insistem em remeter-se ao ensino tradicional, há muito combatido pelos documentos oficiais e pesquisas acadêmicas.

A experiência tem mostrado que ensinar a gramática normativa de forma estagnada e descontextualizada, longe de situações sociais comunicativas, não tem sido uma prática bem-sucedida para desenvolver competências textuais e linguísticas.

O Livro Didático é um exemplo disso. Ao trabalhar um conteúdo, percebe-se que há incoerências de sentidos, falta de preocupação com os pressupostos teóricos que deveriam sustentar os trabalhos com a língua, movimentos interpretativos superficiais e antiquados, pautados em atividades padronizadas, mecânicas, repetitivas, que valorizam a memorização de regras gramaticais, pois são baseadas na concepção de um domínio de uma língua apenas no sentido de conjunto de regras a serem seguidas ou somatório de sentenças sintaticamente bem elaboradas.

Entretanto, Mendonça (2006, p.203) explica que

(...) a aquisição de linguagem se dá a partir da produção de sentidos em textos situados em contextos de interação específicos e não da palavra isolada; ocorre, portanto, do macro para o micro. Mesmo quando apenas fala algumas palavras, a criança está, na verdade, produzindo discurso: é a interação com o outro que importa e é para isso que ela procura aprender a falar (e a escrever, posteriormente).

ISSN: 2359-1064

Mendonça (2006, p. 204) defende a ideia de que “não é função da escola formar gramáticos ou linguistas descritivistas, e sim pessoas capazes de agir verbalmente de modo autônomo, seguro e eficaz, tendo em vista os propósitos das múltiplas situações de interação em que estejam engajados”.

Mendonça (2006) firma que a análise linguística é um recurso viável para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que a mesma não elimina o ensino de gramática, mas o engloba juntamente com outros aspectos, num paradigma diferente, buscando outros objetivos que se diferem aos do ensino tradicional da gramática normativa.

Nesta perspectiva, entendemos que a fluência adequada da aprendizagem da língua deve ser o desenvolvimento de competência discursiva, depois a competência textual; e, finalmente a competência gramatical. Assim, o aluno, primeiramente, utiliza a língua para produzir sentidos, reconhece a funcionalidade dela, e, por último articula sua organização sintática. São os problemas encontrados na prática integrada e significativa da produção escrita que devem servir de objeto de estudo para a prática da análise linguística.

Por isso, é desejável que o ensino de Língua Portuguesa, saia do campo mecânico e ouse alargar-se para além dos limites do enunciado, fazendo uso de movimentos polissêmicos e autorais. Geraldi (2013, p. 25) defende a ideia de que “ninguém aprende a ler sem debruçar-se sobre os textos. [...] é o aluno que aprende ao descobrir por si a magia e o encanto [deles]”. E isso dá-se pela mediação do professor.

O texto é tido como elemento central do processo de ensino e aprendizagem da língua, pois é através dele que a língua se concretiza em sua totalidade, tanto linguisticamente, quanto discursivamente. Geraldi (2013) pontua que é preciso que o aluno tenha o que dizer; tenha uma razão para dizer; tenha para quem dizer; e, escolha estratégias para realizar esse enunciado, para que efetivamente produza seu discurso.

Dessa forma, mais do que dominar os aspectos linguísticos e saber escrever, o aluno precisa ter o que dizer, utilizando todos os recursos de que a

língua dispõe. De fato, os aspectos linguísticos e metalinguísticos não podem ser descartados, mas os aspectos epilinguísticos são primordiais.

Geraldi (2013) define as atividades epilinguísticas do seguinte modo:

Poderíamos caracterizar as atividades epilinguísticas como atividades que, independentemente da consciência ou não, tomando as próprias expressões usadas por objeto, suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Seriam operações que se manifestariam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc. e que estão sempre presentes nas atividades verbais [...] Estas atividades incidem ora sobre aspectos “estruturais” da língua (como reformulações e correções auto e heteroiniciadas), ora sobre aspectos mais discursivos como o desenrolar dos processos interativos [...] (GERALDI, 2013, p. 24 e 25)

Já as atividades metalinguísticas, conforme pontua Geraldi (2013, p. 25),

São aquelas que tomam a linguagem como objeto não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo, mas conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua. Trata-se, aqui, de atividades de conhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações, etc.

Todas as estratégias que o aluno utiliza para escrever o seu texto são atividades epilinguísticas. E, utilizando-se dessa mesma estratégia para a leitura, o texto é oferecido ao leitor para que vá além do dizível, interpretando-o, revirando-o, agenciando-o e dando-lhe forma. Para Possenti (2002) ler deveria ser desmontar um texto para ver como seus sentidos são construídos, até para que se possa dizer qual a relação entre sua construção e os efeitos de sentido que produz.

ISSN: 2359-1064

Por esse motivo, ao considerar a prática de leitura, Koch e Elias (2009) afirma que precisamos atentar para o objeto texto, e a função da leitura, bem como ela se realiza. Aponta que as práticas de leitura e escrita devem focalizar-se na interação autor-texto-leitor, considerando a língua numa visão interacionista e dialógica, e o texto como um lugar de interação e constituição

dos interlocutores, passível de outras leituras e interpretações, considerando outros elementos que serão pertinentes para a compreensão textual.

Nesse contexto, a escrita é um movimento privilegiado. Segundo Possenti (2002), a posição do autor é revestida de traços históricos variáveis, dando voz a outro enunciador e/ou mantendo distância de outros textos, tornando-se, assim, fundadores de discursividade, pois produzem a possibilidade e a regra de produção de outros textos. Dessa forma, “a autoria é evidenciada quando diversos recursos da língua são agenciados pessoalmente. É um saber pessoal posto a funcionar segundo um critério de gosto. Mas, só produzirão efeitos de autoria quando associados aos condicionamentos históricos.” Possenti (2002, p. 121).

A ATIVIDADE DESENVOLVIDA

A proposta de escrita mobiliza a teoria da Análise Linguística em uma prática docente interventiva que visa desenvolver a leitura e a escrita/reescrita de alunos, do 7º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública da cidade de Guará-SP.

Para tanto, os objetivos específicos desta atividade foram: trazer o texto para o centro do processo de ensino/aprendizagem; desenvolver a leitura e a interpretação textual; estimular a produção de texto escrito como princípio de todo o processo de aprendizagem da língua; trabalhar com a reescrita abordando a gramática sob a perspectiva da teoria da análise linguística.

Para realização desta atividade, foram utilizadas 08 (oito) aulas, realizando atividades integradoras que privilegiavam o diálogo entre professor, aluno e texto. Para tanto, a proposta de produção textual com os alunos partiu da compreensão/produção do texto para os elementos linguísticos, pois, somente dessa forma, as atividades metalinguísticas fizeram sentidos, nesta proposta.

A atividade foi organizada em seis etapas. Inicialmente, foi proposto aos alunos que escolhessem um texto, do acervo que tinham, para que realizássemos a leitura conjunta. Por eleição coletiva, eles propuseram o texto “A Bela Adormecida”, na versão dos Irmãos Grimm, pois alegaram que essa

versão era diferente da versão que conheciam. Realizamos a leitura do texto sugerido, a qual foi feita, primeiramente, de maneira silenciosa e, depois, compartilhada em voz alta. Em seguida, esclarecemos dúvidas lexicais, analisadas as características do gênero, bem como os elementos da narrativa, sob a perspectiva de Todorov (2006). Dessa forma, privilegamos o texto, permitindo que a língua fosse vista como ação interlocutiva sujeita a interferências dos falantes, conforme atesta Mendonça (2006, p. 207).

Isso possibilitou que realizássemos uma atividade interpretativa escrita contendo questões discursivas baseadas no texto e a análise linguística do texto lido, de forma, que foi possível a discussão sobre o papel do substantivo na nomeação dos elementos citados e dos adjetivos para a caracterização destes elementos. Assim, utilizamos uma metodologia reflexiva baseada na indução, e na preferência por questões abertas, proporcionando a integração entre eixos de ensino, e habilidades linguísticas, metalinguísticas e epilinguísticas, centralizando nos efeitos de sentidos produzidos, segundo propõe Mendonça (2006, p. 207)

Na terceira etapa, a pedido dos alunos, foi reproduzido o filme “Malévola” (Walter Disney Pictures). Ao término, discutimos o enredo do filme e os alunos detectaram que se tratava de uma versão diferente da história da Bela Adormecida, pois era narrada sob a perspectiva da Fada Má. Apontaram também, as razões de toda a maldade dela, e concluíram que mesmo sendo uma personagem tempestuosa, ainda tinha um bom coração, digno de amar verdadeiramente.

A quarta etapa constituiu-se de uma atividade de desenho. Os alunos escolheram a perspectiva de enredo que gostaram e desenharam o personagem que mais lhes agradaram. Essa atividade estabeleceu uma proximidade com o texto, possibilitando que também exercessem a autoria, pois projetaram graficamente o que imaginavam acerca das personagens; e assim, elas puderam tornar-se mais reais.

Na quinta etapa, realizamos a atividade escrita. Foi pedido aos alunos que reescrevessem a história. A proposta solicitava a redação de um conto de fadas original e de própria autoria, inspirado no texto que lido. A princípio, houve muita resistência, pois alegaram que não sabiam escrever e tinham

muita dificuldade. Após um diálogo tranquilizador, o professor pode ajudá-los a perceber a importância desta atividade, e, então eles começaram a redação do texto, sempre solicitando a ajuda do professor.

A ANÁLISE LINGUÍSTICA E A (RE)ESCRITA

Após a primeira produção escrita, realizou-se a análise dos textos, a fim de averiguar se os alunos conseguiram atender à proposta de produção textual, fazendo o devido uso dos substantivos e dos adjetivos em sua narração, havendo também a preocupação com os aspectos metalinguísticos.

A reescrita foi uma etapa constitutiva e fundamental no processo de produção de textos, mostrando-se eficaz nesse caso. Aos alunos, foi entregue o parecer dos resultados da análise com a devolutiva dos textos para a refacção. Eles receberam não só as sugestões de melhoria do texto por meio de bilhetes escritos e anexos ao-texto, os quais apontavam as qualidades e sugestão de melhorias, mas também, tiveram seus textos corrigidos individualmente, com as indicações de correção feitas a lápis.

Isso fez com que os alunos pudessem movimentar-se, primeiramente, como escritores; após os apontamentos realizados pelo professor, movimentaram-se como leitores, refletindo sobre o que escreviam; e, finalmente, puderam movimentar-se como autores, pois, ocupando uma posição discursiva, assumiram uma atitude crítica, alteraram seu texto, deixando sua inscrição autoral.

Como uma amostra dessa atividade, foram elencados dois textos que demonstram como foi realizada a proposta. Iniciaremos pelo texto 1 (T1), e seguiremos com o texto 2 (T2), apontando suas especificidades.

A primeira versão do texto 1 pode ser classificada como um bom texto, na perspectiva linguística e metalinguística. Porém, não atendeu a proposta da produção, uma vez que o aluno redigiu o resumo do filme que assistimos, ao passo que a proposta solicitava a redação de um conto de fadas de própria autoria.



Então, no primeiro momento, essa inadequação temática foi apontada, e a aluna foi orientada a refazer sua redação. Por esse motivo, essa primeira produção não foi exposta.

Primeira escrita - T1

A aluna de fato, percebeu seu desvio e adequou-se ao tema solicitado, porém, ainda eram necessárias algumas correções, tais como o uso de pontuação, paragrafação, escrita correta de algumas palavras, além do uso adequado da adjetivação. Essas alterações foram apontadas pelo bilhete de correção, que também destacava os pontos positivos do texto.

Reescrita - T1

Princesa Sofia

Sofia era uma jovem de 15 anos. Ela era morena, tinha os cabelos longos e era muito simpática. A mãe de Sofia era a dona Maria, ela se igual a filha, muito simpática, foi o pai de Sofia, o Luis, era muito chato. Sofia morava numa casa simples, mas com muito conforto, ela sempre quis conhecer a sua avó, mais o seu pai nunca toca no assunto.

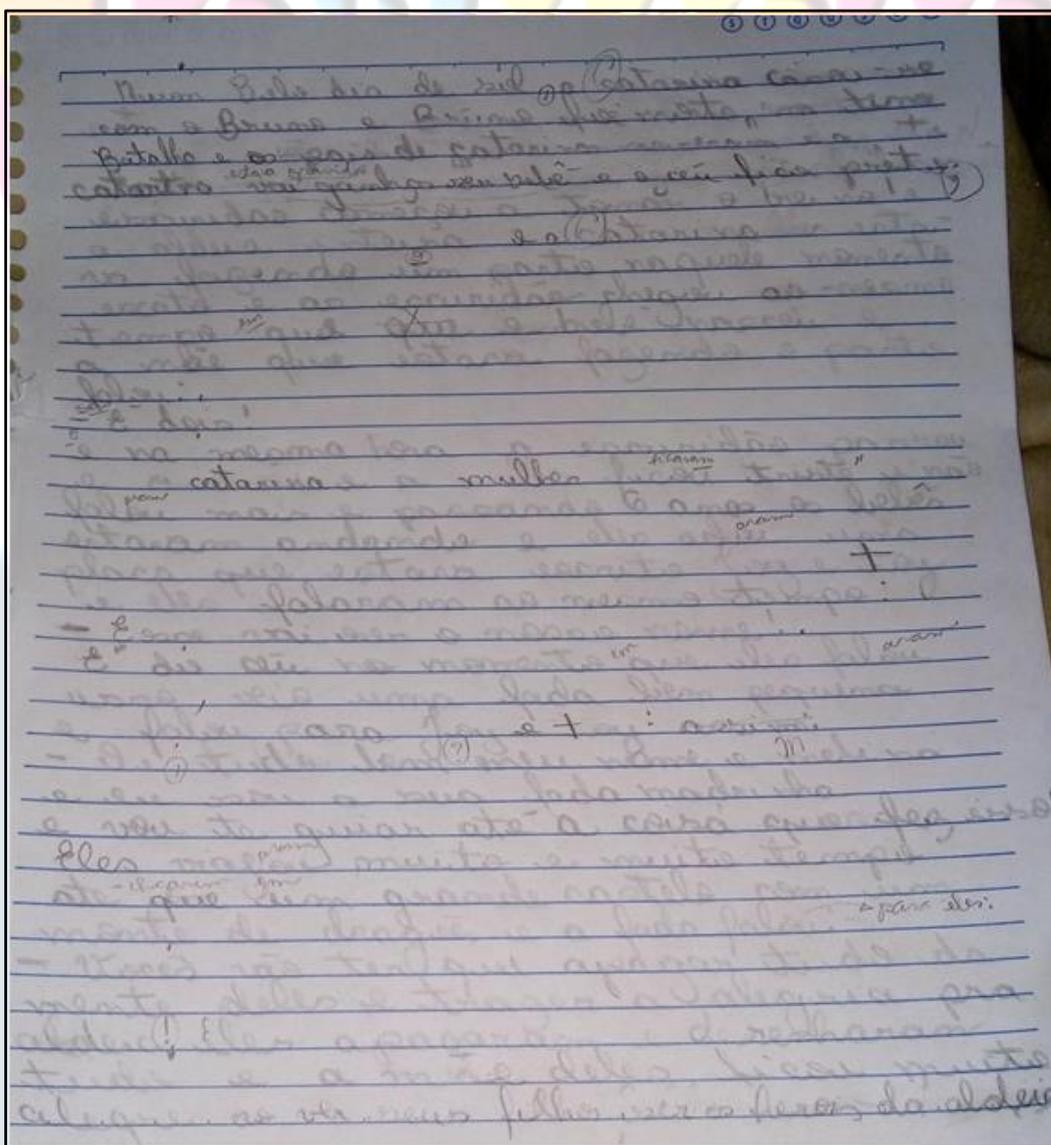
Em um dia qualquer, Sofia foi até uma praça e viu muitos retratos de sua avó com letras pequenas, estava escrito que a vizinha estava procurando a sua neta. Quando Sofia viu, foi correndo até sua casa mostrar para a mãe dela, sua mãe viu logo sabia que era a avó de Sofia, e quando o pai dela viu, também sabia.

O pai de Sofia falou que a sua avó não dava o mínimo para ele e nem para a Sofia. Sofia entendeu agora porque o seu pai era daquele jeito e Sofia compreendeu o seu pai e não falou mais no assunto.

Dois semanas se passaram e dona Maria, a mãe de Sofia ligou para a avó dela e disse onde sua neta estava, Sofia e o seu pai não falou de nada. Se passaram 1 hora e bateram na porta e Luis pai de Sofia atendeu e viu que era sua mãe, a avó de Sofia deu um abraço forte no Luis seu filho e pediu desculpa por tudo que fez. O Luis aceitou sua desculpa e a família toda ficaram unidas novamente. A Sofia viveu como princesa, a mãe de Sofia ocupou o lugar da mãe de Luis, e Luis viveu rei e todo mundo ficou feliz para sempre.

Observa-se que o aluno estruturou seu texto corretamente, dividiu-o em parágrafos, utilizou sinais de pontuação e acentuação de modo parcial e apresentou poucos desvios ortográficos. Utilizou de modo enfático os substantivos e os adjetivos, ao nomear e descrever os personagens e o espaço presente na narrativa, além de obedecer a estrutura do gênero textual. Já na perspectiva epilinguística, percebe-se que atende aos quesitos do “o que dizer”, “e as estratégias de dizer o que pretende” (Geraldi, 2008, p. 137), evidenciando seu estilo próprio, produzindo, assim, seu discurso com inscrições autorais.

Primeira escrita – T2



-1064

Sob a perspectiva metalinguística, o T2, apresentou problemas de inadequações de concordância verbal, grafia de palavras com letras minúsculas ao invés de letras maiúsculas e problemas com respeito à referenciação. Mas, sob a perspectiva epilinguística, o texto encontra-se adequado ao que se espera de um aluno de 7 anos, pois apresenta autoria, alto nível de liberdade criativa e imaginária, além de articular seu discurso respaldado, segundo Geraldi (2013), no que dizer; na razão para dizer; a quem dizer, e utilizando as estratégias adequadas para isso.

Assim como no T1, as alterações foram apontadas pelo bilhete de correção, que também destacava os pontos positivos do texto.

Reescrita – T2

Num belo dia de sol, Catarina casou-se com o Bruno e Bruno foi morto em uma batalha e os pais de Catarina morreram e a Catarina estava grávida e o seu filho nasceu. A escravidão começou a tomar o reino e a aldeia inteira e a Catarina estava a parte naquele momento exato e os escravos chegaram momento em que o leão no céu e a mulher que estava fazendo o parto falou:

- Não dá!

E no mesmo hora a escravidão passou e a Catarina e a mulher ficaram tristes e não falaram mais e passando o tempo os leões estavam andando e eles acharam uma placa que estava escrito JOY e TOY e eles falaram ao mesmo tempo:

- Esse vai ser nosso nome!

E de súbito no momento em que eles falaram isso, veio uma fada bem pequena e falou para JOY e TOY:

- Oi, tudo bem? Meu nome é Malina e eu sou sua fada madrinha e vou te guiar até a casa que fez isso!

Eles viajaram muito e muito tempo até chegaram em um grande castelo com um monte de dragões e a fada falou para eles:

- Vocês não tem apagar tudo da mente deles e trazer a alegria pra aldeia! Eles apagaram e destruíram tudo e a mãe deles ficou muito alegre ao ver seus filhos nos braços do aldeia!

Com base nas análises das reescritas realizadas, constatamos que o texto que atende aos aspectos epilinguísticos tende a apresentar maior nível de adequabilidade ao gênero; dessa forma, observamos que as (re) escritas são construídas de forma mais autoral; que os aspectos metalinguísticos de um texto não afetam tanto o seu sentido, ao passo que um texto fora da proposta não cumpre com seu papel; e, por fim, percebemos que, nesse contexto, quando o diálogo é mais fluente entre professor e aluno, melhores resultados são obtidos.

Com o desenvolvimento desta atividade, percebemos, que os alunos não demonstram interesse, tampouco reconhecem facilidade em escrever aquilo que se é pedido na escola. Por isso, foi necessário estabelecer um diálogo próximo entre aluno e professor, demonstrando empatia, a fim de conscientizá-los da importância da leitura e da atividade de escrita, mesmo quando este exige outras leituras e adequações. Constatamos, sobretudo, que os aspectos discursivos sobrepõem-se aos estruturais.

No que diz respeito à proposta de escrita textual, notamos que é necessário que o professor seja objetivo e, se preferir utilizar como recurso de correção os bilhetes de sugestão, é preciso ter respeito e cuidado com o que escreverá ao aluno, para que não o desmotive, além de prontificar-se a esclarecer eventuais dúvidas.

Essa atividade resultou em uma coletânea que circulou pela escola, ficando disponível na biblioteca da unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste relato de experiência foi apresentar possibilidade de trabalho com o texto, e demonstrar como o ensino de língua, pautado na teoria da AL, pode contribuir para o desenvolvimento da escrita dos alunos. Sustentar um ensino de língua baseado em classificações gramaticais estagnadas e descontextualizadas, não promove a competência linguística dos alunos.

O trabalho com a AL não implica no abandono do ensino dos elementos gramaticais, mas, sim numa mudança de paradigma, uma inversão na ordem

da aplicação de atividades, pois primeiramente, opta-se por explorar o texto, a compreensão, e a produção textual, direcionada pela análise linguística. Assim, a reescrita torna-se um momento de grandes descobertas e aprendizagem.

Com esta mudança de paradigma, ao ler um texto, ao interpreta-lo e ao (re)escreve-lo, o aluno desenvolve sua competência linguística e sua autoria, tornando-se assim significativo o ensino de língua portuguesa.



INICIAÇÃO & FORMAÇÃO DOCENTE

ISSN: 2359-1064



REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem.** 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2009

MENDONÇA, M (org). **Análise linguística no ensino médio:** um novo olhar, um outro objeto. In: Português no Ensino Médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Cap. 11. p.199 a 226.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2006. POSSENTI, S. 2002 Índícios de autoria. Florianópolis: Perspectiva, v.20, n1, 2002.

Como citar este artigo (ABNT)

INÁCIO; H.; C.; S.; de A.; LEITURA, ANÁLISE LINGUÍSTICA E PRODUÇÃO DE TEXTO: A BUSCA PELA (RE) ESCRITA AUTORAL. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2018. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

INÁCIO; H.; C.; S.; de A.; (2018) LEITURA, ANÁLISE LINGUÍSTICA E PRODUÇÃO DE TEXTO: A BUSCA PELA (RE) ESCRITA AUTORAL. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

